



GENERAL GARCIA ROSADO
NOVO EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM LONDRES E PRESIDENTE
DA MISSÃO LIQUIDATARIA DA NOSSA DIVIDA DE GUERRA
A INGLATERRA, QUE PARA ALI ACABA DE SEGUIR

N.º

8

Almas Novas

PREÇO

1\$50

TODO O ASSINANTE QUE NOS OBTIVER 5 NOVOS ASSINANTES TERÃO 50 % DE DESCONTO
NA SUA ASSINATURA, QUEM NOS OBTIVER 10 REC.BERÁ ASSINATURA GRÁTIS

S U M Á R I O

CAPA, General Garcia Rosado — D. OLIVA GUERRA, fotografia — A QUINZENA, por *Mateus Moreno* — O NOSSO
INQUERITO — HELIANTHOS, por *Emiliano da Costa* — CAMILO EM ESPANHA, por *Santos
Agero* — FIGURAS E FACTOS — MONUMENTO A CAMILO — FITA DA QUINZENA, por *Alfredo
Candido* — LAFÕES, vistas por *José Osorio* — CINEMATOGRAFIA, Uma scena pelicu.a por
José Maio — FRIVOLIDADES, O dia da Parisiense — PROVINCIA, Traz-os-Montes — NOVELAS,
D. DIOGO DE MANCHEGO, por *Emilio Salgueiro* — VIDA DESPORTIVA, Trez estrelas
mundiais do Tenis — CURIOSIDADES.

A melhor e mais completa preparação de saes calcicos



SILICALCINA

(REGISTADO)

O melhor medicamento na cura do
tuberculase, rôquitismo, linfa-
tismo, anemia, neurastenia, fro-
queza geral e no canvolescença
de todas as daenços

ABRE O APETITE E AUMENTA A NUTRIÇÃO

À VENDA

FARMACIA CUNHA
R. da Escala Politecnico, 18.

FARMACIA BARRAL
Ruo da Ouro — LISBOA

A PORTUGALIA

FABRICA DE CHAPEUS

R. da Metade, n.º 9 (á Rua de S. José)

Chapeus de feltro para homem e senhora
Chapeus de palha para homem, senhora e
creança.

FABRICAÇÃO ESMERADA

Preços sem competencia

Sucursaes de vendas directas ao publico

1.ª Sucursal — 12 C, Av. Almirante Reis, 12, D

2.ª " — 58, R. Alves Correia e R. do
Telhal, 4

3.ª " — 68, R. dos Cavaleiros, 70

L E I A N O L I V R O SANGUE D'EPOPEIA

D E

◆ MATEUS MORENO ◆

O MELHOR RETRATO PSICOLOGICO

D O

GENERAL GOMES DA COSTA

N O

C . E . P .

VOLUME DE 160 PAGINAS PROFUSAMENTE ILUSTRADO 4\$00

DEPOSITO: LIVRARIA SÁ DA COSTA — L. DO POÇO NOVO, 42 — LISBOA

○ ○ ○ ○
DIRECTOR-FUNDADOR: MATEUS MORENO
DIRECTOR-LITERÁRIO: EMILIO SALGUEIRO
SECR. DA REDACÇÃO: JOÃO FARMHOUSE
REPRESENTANTES E AGENTES EM TODO
o PAÍS, ILHAS E COLÓNIAS



○ ○ ○ ○
EDITOR E ADMINISTRADOR: M. B. CARMONA
PROPRIEDADE DA EMPRESA "ALMA NOVA"
REDACÇÃO ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
263-R. ESCOLA POLITÉCNICA, 267-LISBOA
: TELEFONE NORTE



ALMA NOVA

REVISTA QUINZENAL DE RESSURGIMENTO, VIDA MODERNA E CULTURA

NUM. 8

LISBOA, 15 DE JULHO DE 1926

IV SERIE



D. OLIVA GUERRA

A gentil autora do novo livro de poemas—"Encantamento"—, que acaba de obter um dos mais brilhantes êxitos é não só uma das nossas melhores poetisas actuais, mas também uma das nossas mais inteligentes e cultas escritoras.

Em louvor do Algarve, será o belo artigo com que D. Oliva Guerra iniciará, no próximo número de 1 de Agosto, a sua colaboração na «Alma Nova».



A Q U I N Z E N A

NOTAS E COMENTARIOS

À VIDA POLÍTICA E MENTAL

MUTAÇÃO de scena...

— Tal qual como nas mágicas, — pior que nas mágicas, mesmo.

Os acontecimentos sucedem-se, acotovelam-se, combaloteiam, numa vertigem e imprevisito que, verdadeiramente, nos desorienta.

Triunfante o movimento de 28 de Maio, victorioso o pensamento moralizador do Exército, porque se não entrou já numa obra de declarada e franca reconstrução nacional?

¿Teria o corrosivismo político, teriam os baixos interesses particulares, invadido a tal ponto a espinal medula dos negócios públicos, que não haja possibilidades de subordinar os homens aos principios, em vez dos referidos principios aos individuos em si?

Se assim succede, mal vamos.

*

Três chefes prestigiosos teve o movimento militar de 28 de Maio: o combatente de Africa e da Flandres, sr. General Gomes da Costa; o herói de 5 de Outubro, Comandante Mendes Cabeçadas, e o sr. General Oscar Carmona, figura de particular relêvo no Exército Português.

O sr. Gomes da Costa, inegavelmente o mais favorecido pela aura popular e aquele a quem, na verdade, se deve o triunfo do referido movimento, uma vez no governo tratou de ir dispensando, sucessivamente, a cooperação dos dois restantes companheiros. Primeiro, o Comandante Cabeçadas que teve de arredar, por um golpe de Estado, da presidência do ministério; depois, o sr. General Carmona, seu próprio ministro dos Estrangeiros.

Se o Exército favoreceu, é certo, o primeiro golpe, pelas hesitações que o sr. Comandante Cabeçadas parecia manifestar na attitude a manter perante os políticos, outro tanto não succedeu com a demissão do sr. General Carmona, embora a sua attitude fosse tambem bastante comedida perante os mesmos políticos.

Esfriada assim a atmosfera de simpatias pela improductividade do governo Gomes da Costa e por algumas incongruências do seu proceder, não foi difficil a sua imprevisita destituição a favor do sr. General Carmona.

Um novo golpe de estado teve pois lugar e encontrando-se o sr. General Gomes da Costa investido nas funções da suprema magistratura, foi o mesmo convidado a conti-

nuar no Palácio de Belem, sob clausulas, que não aceitou, preferindo a prisão e o exilio.

O prestigioso chefe acaba de seguir para os Açores, a bordo dum vaso de guerra.

*

Triunfante, pela terceira vez a vontade do Exército, sem o dispendio de um único tiro, quasi se pode dizer, urge perguntar:

¿Tem o novo ministério da presidencia do illustre comandante das forças revolucionárias do sul os elementos de prestigio e saber suficientes, para realizar a obra de renovo e moralização que urgentemente se impõe e ainda não foi possivel levar a efeito?

¿Encontram-se, por sua vez, o Exército e a Armada, suficientemente unidos, para fazerem prosseguir até ao fim o pensamento nobre da Revolução?

Responda o actual governo... com o acêrto dos seus actos.

*

A hora é dos justcs, dos honestos, dos sinceros. Quem não possuir estes requisitos, é melhor afastar-se.

“Vale mais inimigo certo, do que amigo incerto” — é da sabedoria popular.

Há ainda em Portugal, diga-se o que se disser, um número suficientemente grande de consciências sãs e honestas. Que elas formem, pois, barreira ante todos os possiveis prevaricadores.

Trabalhar, trabalhar muito, deve ser a devisa dos nossos actuais homens públicos. Nada de elixires miraculosos, que só servem para semear a ruina no edificio da nação. Nada de illusões ou mentiras.

O comodismo é a pior armadilha dos bem intencionados. Detestemo-lo, portanto.

Nada de seguir também homens, mas sim Ideias!

○ ○ MATEUS MOREN)

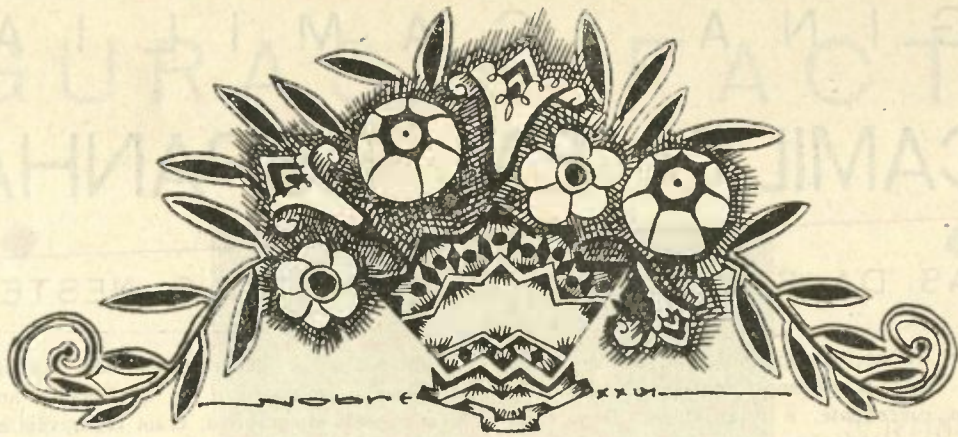
Os nossos inqueritos

O que é? Que latitude deve ter e quais as vantagens e inconvenientes da chomado "Segreda Profissional" Haverá necessidade de reformar o nosso actual legislação nesse copitulo?

No próximo número, os respostos dos illustres professores Drs. Oliveiro Romo, Rito Martins, Silvo Correio, e outros.



O sr. General Carmona, novo chefe do governo.



“HELIANTHOS”

Formoso livro de sonetos do poeta algarvio
Dr. EMILIANO DA COSTA, agora publicado,
e de que oferecemos, nos dois excertos que
seguem, uma curiosa amostra aos nossos leitores;

RESSURREIÇÃO

No fim do sêro está, só e na luz,
Um tronco pendurado sôbre a aldeia!
Resequido, morreu na própria cruz,
Deixando aos pés, cheinha, uma colmeia.

Quanta semente aqueles braços nús
Pela encosta lançaram à mancheia!...
Abelhas, desdubrae sôbre Jesus
A mortalha do enxame que volteia.

Minhas abelhas, bando astral de flores,
A' luz do dia ungi os seus livores
Co'o mel que vos floriu — o seu affecto!...

Oh milagre de Deus! lá sobe o enxame!
— E' a ascensão da planta, flor, cstame,
Sôbre um Calvario que se fez Hymeto!

ÉLYTROS

Todo o campo inundou-se de martírios.
Os parasitas, qual tufão daninho,
Arrancam pétalas da côr do linho,
Roubam frescura á candidez dos lírios.

Os sós empalidecem como círios.
Há muito já que a vinhas não dão vinho,
Que andam icérias no pomar d'espinho,
E a fava a ennegrecer de phytophthírius!...

Quem salva, quem acode á pobre vícia?
Já sem flores, as folhas amarelas...
— Signais de morbo, aspectos d'icterícia...

Dormem as horas. Lindo o sol rutila...
Milagre! Vida. — São as cocinelas
Cravejando rubis na chlorophila!



: : EMILIANO DA COSTA : :

◆ CAMILO EM ESPANHA ◆

I.

CAUSAS DA SUA FALTA DE PROJECCÃO NESTE PAIZ

A bibliografia de traducções espanholas de Camilo, além de escassa, como já tivemos occasião de dizer no nosso artigo precedente, é retardataria. Depois da versão do *Amor de Perdição*, publicada em 1873, nenhum outro romance de Camilo tornou a aparecer em castelhano, até 1906. Ora, estas tardias versões pouco podem já aproveitar-lhe, porque na onda de traducções que hoje inunda Espanha, o seu nome, representado por sete volumes publicados aqui e acolá, não pode ser muito notado; e, sobretudo, porque em Espanha, como em toda a parte, o gosto do público evoluiu, não tendo já solicitação o romance da escola de Camilo.

Vemos, pois, que Espanha, até estes ultimos anos, sómente importou uma obra dêsse grande escritor, o que, sendo pouco, ainda representa muito, dado o subido valor dessa obra; mas como, infelizmente, passou dasapercebida, e o agora traduzido obedece mais a causas gerais de apreço pela nossa literatura, do que ao consciente reconhecimento dos méritos do grande romancista, não será muito ousado dizer que Camilo é desconhecido em Espanha.

São de duas ordens os factos que nos explicam este desconhecimento: os que se nos deparam do lado de Espanha, e os que se filiam em particularidades da propria obra de Camilo. De uns e outros falaremos com a brevidade que os reduzidos limites dêsse artigo nos impõe.

No desconhecimento de Camilo, em Espanha, não ligamos grande importância á falta de curiosidade desta nação pela nossa literatura, porque essa falta de curiosidade cedeu muitas vezes, transformando-se em interesse. E como tais excepções não foram fortuitas, mas resultantes de correntes de idéas e gostos, que os autores favorecidos satisfariam o que no caso de Camilo é preciso ver, são essas mesmas causas actuando de um modo inverso; e com tanto mais motivo, quanto é certo não poder dizer-se que Camilo não entrara em Espanha, nem que a sua entrada não fosse oportuna, visto se ter dado em tempos de ainda nela imperar o romantismo. Ora, o que verdadeiramente se opôs á divulgação de Camilo em Espanha, por parte desta,

e antes que a generalização do realismo tornasse tal divulgação impossivel, foi que nem o ambiente literario, nem o gosto do público, eram favoráveis ao romance sentimental, de que o passional é só uma variante; o que não é, aliás para admirar, sabido que em Espanha o romantismo foi mais de forma que de fundo. Em compensação, Herculano encontrou o mais extraordinario acolhimento com as suas lendas e romances históricos, sendo até alvo de imitações, não obstante a abundância de modelos que o o género oferecia, e a mecanização a que chegara.

Por seu lado, o romance camiliano é de per si pouco acessivel ao publico estrangeiro, principalmente pela sua dependência de um meio, que o autor não se tomou ao trabalho de descrever. Não é precisamente o acentuado localismo, o que lhe fecha as portas do estrangeiro, como varias vezes ouvimos dizer, e não é porque o localismo não jugula fatalmente a expansão de uma obra. A prova disto temos nas muitas que, oferecendo esta particularidade, conseguiram, no entanto, um raio de divulgação mundial. Lembra-nos, entre outros, o caso de Grazia Deledda, que, com os seus romances de costumes sardos, dá-nos o mais caracteristico exemplo de limitação localista, por isso que o ambiente ilhéu é de todos o mais fechado e uniforme; e, todavia, os livros desta autora são conhecidos em toda a parte. E' que nestas obras, o meio tem uma representação immediata, ao passo que nas de Camilo não se vê. Na obra de Camilo o meio não está presente, mas, como tudo mantém com êle as mais estreitas relações, o conhecimento dêsse meio torna-se indispensável para a fácil leitura do romance, e êsse conhecimento, naturalmente não o vai improvisar o leitor estrangeiro. Além disto, a opulência verbal e a cópia de provincianismos, dificultando o trabalho do tradutor, e a propria abundância de originaes, atirando-lhe para o *embarras du choix*, que êle sempre ha-de sentir, no fito de dar com o mais fácil, tudo são circunstâncias que também concorrem para cavar essa lacuna que a bibliografia camiliana apresenta em matéria de traducções.



CAMILO CASTELO BRANCO
Por Saavedra Machado

SANTOS AGERO

o o o

LEIA NO PRÓXIMO NUMERO, A EMOCIONANTE NOVELA

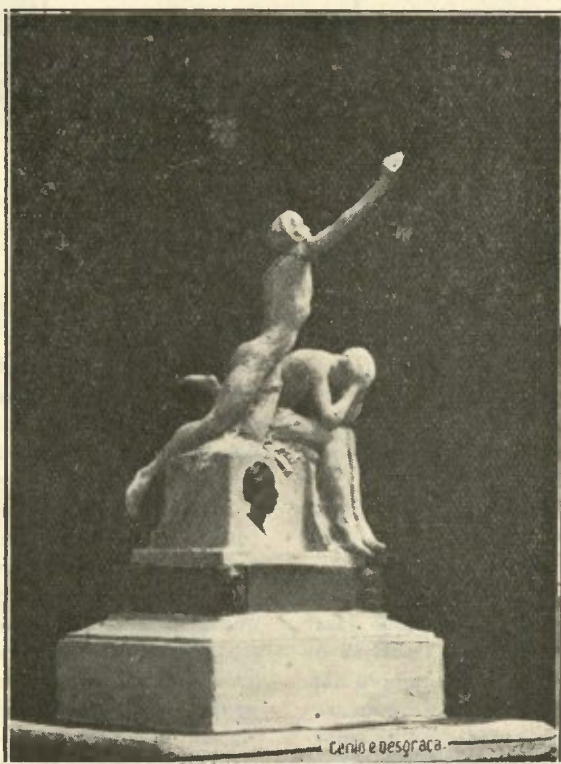
« O SEGREDO DA ESTRANGEIRA »

POR FERREIRA DE CASTRO

FIGURAS E FACTOS

MONUMENTO A CAMILO

DAMOS HOJE A INTERESSANTE "MAQUETTE" DO JOVEN ESCULTOR SR. JOÃO JOSÉ GOMES, QUE OBTVEU O 2.º PRÉMIO NO CONCURSO DEFINITIVO DO MONUMENTO A CAMILO CASTELO BRANCO.



O PRIMEIRO PRÉMIO COUBE Á MAQUETTE DO ILUSTRE ESCULTOR SR. ANJOS TEIXEIRA, AUTOR DO MONUMENTO A CARVALHO DE ARAUJO E OUTRAS NOTAVEIS OBRAS DE ARTE.

o o o o o o

F I T A D A S E M A N A

por Alfredo Candido



EDUCAÇÃO FÍSICA JUSTIFICAÇÃO DA SUA ◆ NECESSIDADE ◆

POR

RIBEIRO DOS REIS

NO anterior artigo tratámos das relações existentes entre a educação física e o problema nacional, demonstrando como o problema de educação física está perfeitamente integrado dentro do problema da educação geral e apontando o papel importante que a mesma educação física deve desempenhar na solução da crise nacional.

Dissémos o que se devia entender por educação física, determinando claramente o seu «objectivo».

Pretendemos hoje fazer a «justificação da sua necessidade».

A ideia do desenvolvimento físico, pretendendo fazer de cada geração uma humanidade mais sólida, mais sã de corpo e de espirito, não conseguiu ainda foros de obra útil, quando é certo que ela representa uma «obra de preservação» tão importante como a «obra de reparação» desempenhada pela medecina e pela cirurgia.

A rotina custa muito a vencer, sobretudo numa terra em que ainda se semeia por ditados.

E, no entanto a «necessidade» da educação física resalta a olhos vistos.

A máquina humana, como todas as máquinas, deve gastar-se menos pelo trabalho do que pela inacção; logo, a necessidade fundamental do exercício.

O aperfeiçoamento físico é uma necessidade contra o trabalho destrutivo dos flagelos sociais: a tuberculose, a sífilis, o alcoolismo. Exige-o o futuro da raça.

A nossa população, afirmam-no as estatísticas médicas, definha assustadoramente.

No último Congresso Nacional de Educação Física, uma das teses apresentadas encerrava as seguintes conclusões:

«Os indices de mortalidade são pavorosos. A estatura media do povo, decresce. O rendimento médio do trabalho mantem-se em níveis de uma inferioridade vergonhosa. E, como a população é a primeira riqueza duma Patria, licito é proclamar que a fortuna nacional está em perigo».

Analizando mesmo o assunto sob o ponto de vista artistico, afirmava um escritor francês, que desde que nos extasiámos na contemplação de obras de arte, não ha o direito de nos desinteressarmos da maravilhosa obra prima de escultura e mecânica, que é o corpo humano.

E acrescentava:

«Enquanto se procura melhorar com cuidados infinitos a raça cavalariça; enquanto se procura a perfeição das várias espécies de animais por cruzamentos estudados, desinteressamo-nos do homem.

Reunem-se e acotovelam-se multidões numerosas para ver correr cavalos soberbos, montados, porém, por jockeys ridiculos e defeituosos».

A necessidade duma cultura física do homem, cultura racional e baseada em observações scientificas, que permita

combater a assustadora decadência da raça, impõe-se, portanto. E ela pode justificar-se, não só pelas circunstâncias já apontadas, como ainda por razões de ordem fisiológica, de ordem intelectual e de ordem social e moral. Os tratados de pedagogia da educação física referem-se ao assunto detalhadamente.

O exercício, o movimento, constituem, tanto para a criança como para o adulto, uma necessidade orgânica e fisiológica.

Na criança, a imobilidade prolongada é tão penosa como a sede e a fome, e manifesta-se por uma sensação especial que a incita a não estar quieta.

E' facil verificar esta verdade, nas aulas e nas formaturas.

Peio contrário, a perda desta actividade normal corresponde a um estado de doença.

E', portanto, urgente e racional satisfazer essas exigências, não só pelos inconvenientes de ordem higienica, que a privação do exercício pode acarretar, mas tambem porque facilmente se perde a necessidade orgânica do movimento, se não é satisfeita no momento oportuno.

A falta de exercício conduz a atrofiamentos e a funcionamentos irregulares, que podem trazer graves inconvenientes, quando chegarem a alcançar os órgãos vitales, mais importantes, como o pulmão e o coração. A nutrição sofre pela falta do seu excitante fisiológico: o oxigénio.

As condições de vida, absolutamente diferentes no meio rural e no meio urbano, devem merecer-nos atenção.

Nos campos, a vida ao ar livre, os trabalhos movimentados da agricultura, a pouca intensidade dos trabalhos intellectuais, a alimentação simples e sábia, favorecem o desenvolvimento físico, não como que uma educação natural e livre.

Nos meios urbanos, a falta de ar puro, as habitações pouco higienicas, as escolas mal instaladas, os horários escolares mal distribuidos, os inconvenientes dos trabalhos fabrís, e as causas variadas dum maior desgaste nervoso, e dum maior perigo para a saude moral, exigem cuidados especiais.

Convem evitar ás crianças os excessos de trabalho escolar. A applicação racional dos exercicios fisicos contribue para evitar a fadiga, o «surmenage» mental, e combate os inconvenientes duma vida mais ou menos sedentária.

As doenças uervosas, são o fruto da vida intensamente mental que em nossos dias levam as classes alta e média, e que está mal equilibrada, pela falta de actividade muscular.

A constante excitação psiquica, derivada dos bailes, do teatro, dos concertos, das leituras, necessita duma correspondente derivação física.

Justificava assim a «necessidade» da educação física, abordarêmos no proximo numero o capitulo dos «meios de acção» a que ela recorre para realizar o seu «objectivo», e entre os quais figuram, como se sabe, a ginástica educativa, os jogos, a ginástica applicada e os desportos.



P A G I N A

D O

P O R T O

J. OLIVEIRA FERREIRA

distinta escultor, que ultimamente expôs com sucesso no Salão Silva Porto.

FORA da politica, a vida do Porto corre monótona. Notas palpitantes e de interesse para a indole da "Alma Nova", poucas que mereçam registar-se, a não ser algumas exposições de arte, cuja visita esta cidade recebe sempre galhardamente e, por isso, as tem diáriamente a dentro das suas portas.

Das últimas, a que mais nos surpreendeu e admirámos, foi a de esculturas de Oliveira Ferreira.

As numerosas obras que este inspirado e talentoso artista expoz no Salão Silva Porto, merecem uma atenção demorada e um estudo profundo, na sua análise, porque as suas linhas tem alguma coisa de extraordinário, ao traduzir as formas, dando, a quasi todas elas, um conjunto euritmico que sugestiona, que prende, que sensibiliza.

São variadíssimas as suas figuras. Vão desde a expressão mística e saudosa dos anjos tumulares, á arrogância indomável de soldados batalhando pela Pátria, em cujo "facies" se desenha o ritus estranho da dôr e do prazer de morrer por Ela.

Expressões místicas, suaves dolorosas, aguerridas arrogantes ou ferozes, são as que se observam na sugestiva e sensibilizadora eurtmia das obras de Oliveira Ferreira, artista incansavel num labor probo, honrado e consciente.

*

* * *

O Porto vai inaugurar, dentro em breve, os monumentos de António Nobre e Julio Diniz, dois artistas das letras pátrias que melhor souberam escrever para a sensibilidade da alma portuguesa.

Ultrapassando os respectivos tapumes que vedam o terreno a eles destinados, vêem-se já as colunas que hão-de receber os brouzes perpétuos dos éticos bustos do poeta do "Só" e do prosador das "As Pupilas do Senhor Reitor", sentimental e lírico, e tantas outras obras preciosas.

O rústico granito das Serras do Minho serve de base ao busto de Júlio Diniz, enquanto que o de António Nobre se levantará sobre o suave mármore vermelho da Itália. O prosador será ensombrado por carvalhos e sobreiros da região onde fez viver os deliciosos episódios dos seus romances e novelas; ao poeta, ensombra-lo-há a ramaria melancólica dos velhos cedros que crescem junto do lago do Jardim da Cordoaria, tapetados de hidraujas e madressilvas.

Nesse recanto humido, ensombrado, melancólico e florido, o busto de Antonio Nobre fica, realmente, bem.

Ali, como já disse algures, poderá a leitora sensível e piedosa de Anto deixar cair, sobre o cristal liquido e tranquilo do lago, a lágrima votiva da sua emoção suavíssima.

As perpétuas diferenças dos dois monumentos, que, para além da morte, elevam o nome d'esses dois profundos artistas das letras portuguesas, quadram bem com a diferença psicológica dos seus espiritos gentis.

VELOSO DE ARAUJO



Um aspecto do «atelier» da escultor Sr. Oliveira Ferreira em Miromar.



Margens do Vouga — VOUZELA

POR TERRAS DE LAFÕES

A BEIRA, É O EDÉNICO
JARDIM DE PORTUGAL

A lindíssima região de Lafões, onde palpita o coração da Beira-Alta e onde a paisagem se adensa em coloridos vigorosos e polula em ondas de verduras vivas, é, como dizem os ilustrados viajadores, muito semelhante á Suíça, que a sobreleva somente pelos seus chalets de construcções caprichosas, floridos de trepadeiras, pelos seus inumeráveis hotéis e arquiteturas esbeltas, pelos seus parques e jardins, o que tudo torna a naturêza não uma obra espontânea de Deus, mas um trabalho artificial da mão do homem.

O Vale de Lafões, que fica entre Vouzela e Oliveira de Frades, na Beira Alta, e em que um minúsculo caminho de ferro — que é um prodígio de engenharia — galga pelos pincaros dos montes, é simplesmente a naturêza amorável, enternecedoramente bela, como a produziu a mão de Deus, com as suas montanhas que parecem topetar os céos e com as planícies luxuriantes dos vales, refrescadas pelas águas que brotam das rochas graníticas.

Num passeio pela estrada, em qualquer ponto que nos quedemos, a nossa vista fica maravilhada como ante um quadro de magia.

E' a naturêza-mãe, fecunda e criadora, que se desdobra num solo privilegiado, onde a vida vegetal pulula luxuriante sob um céu de amor e perdão. Tudo quanto a nossa vista pode abranger é tão soberanamente sugestivo, que o espirito, por menos contemplativo, cai suspenso num repouso consolador e o corpo, numa preguiça anachriontica, fica para ali estiraçado, horas esquecidas...

Consola o vivêr-se no seio desta adorável região de canduras antigas ao lado da pacífica gente que, mourejando de sol a sol na sua faina rural, tem o culto íntimo do lar, observando os velhos preceitos da vida patriarcal, dessa vida tão diferente da de hoje, onde havia paz, bondade e amor!

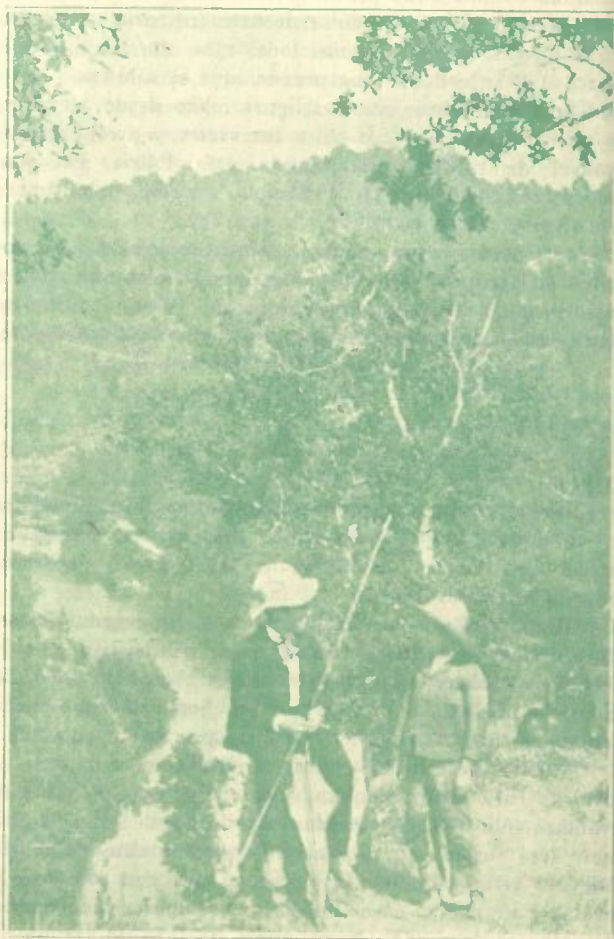
Não é sem uma funda nostalgia que eu lembro, através dum véo perlado de lagrimas, a minha agitada meninice na risonha terra lafonense, a velha Vouzela, berço de S. Frei Gil, o sabio feiticeiro e pactuario do demonio, cantado por supremas mentalidades portuguesas em prova e verso.

A existencia então era para mim como um nectar de sabôr finissimo, que eu bebia sôfrego, na ancia duma embriaguez deliciosa! Mal as manhãs rompiam, esclarecendo os pincaros dos montes, e as aves soltavam as suas matinais harmonias, erguia-me dum sono reparador, para seguir, estrada fóra — ai, lindas estradas da minha terra! — parando aqui, para atender a uma voz feminina, fresca como a ma-drugada; mais abaixo, para contemplar o Vouga, o mais poético rio de Portugal, cantado pelo imortal Bingre; até me sentar junto da Azenha que, ócultu entre ramarias, espumava as suas águas referventes sob as rodas das mós que trituravam o pão bemdito.

O meu adorado Vale de Lafões!

Tendo eu visitado Sintra, o Bussaco, o Bom Jesus do Monte, as Portas do Sol da terra em que vivo, lugares que o turisuno proclamou como os preferidos para a visitaçào de nacionais e estrangeiros, não encontro como na região lafonense da linda Beira Alta uma naturêza tão fecunda e que melhor realce as suas galas, opulentas e magnificas.

O pintôr encontra, em cada recanto, um delicioso motivo para um quadro, o poeta uma suave inspiraçào para deliciosas estrofes, e não há ninguém, por mais refratário ao sentimento estético, que, ao visitar êste lindo rincão, não sinta no seu espírito qualquer coisa de delicioso que lhe fale com ternura e amor.



Caminho do Vale — VOUZELA

(Santarem)

JOSÉ OSORIO

.....
CINE
MA
TO
GRA
FIA

◆
UMA SCENA DA
PELICULA NOR-
TE-AMERICANA
"THE GIRL OF
THE GOLDEN
WEST", CUJO
SCENÁRIO, O
PERSONAGEM,
E A LUZ QUE
OS ILUMINA,
LEMBRAM A
NOSSA TERRA



.....
A cinematografia, já como arte, já industrialmente, atingiu, nos últimos tempos, um tão elevado grau de desenvolvimento, que é um crime, um verdadeiro crime, não lhe prestarmos a atenção que ela merece.

Não vimos juntar mais uns artigos à série escandalosa dos que se tem escrito à sombra desta arte, quer em revistas pseudo-técnicas, quer em jornais que não pensam senão em reclamar películas. Não! não queremos falar de artistas, nem dos seus hábitos, mas tão somente esforçar-nos por tornar aproveitáveis, no nosso país, as vantagens da cinematografia.

Folheamos as colecções das várias revistas que se tem publicado — sempre com péssimos resultados, segundo cremos, — e não encontramos uma palavra sequer acerca do que seja necessário fazer-se pela cinematografia, de forma a assentá-la em bases sobre as quais possa progredir.

Não é compreensível que uma arte que acarreta tantas vantagens a qualquer país que dela se utilize, continue a sofrer um tão grande desprezo da parte dos portugueses, limitando-se estes a tirar os benefícios mais fáceis. Mudemos pois, de rumo.

Se consideramos a indústria cinematográfica como um factor económico importantíssimo, é nosso dever emitir opinião sobre o assunto, visto que a elle temos dado grande parte da nossa atenção, há já bastantes anos.

Este nosso interesse levou-nos, em tempos, para junto de elementos que se dedicavam a diversas experiências cinematográficas, e obrigou-nos a conhecer as várias tentativas que já se fizeram em Portugal.

Essas "experiências", que obtiveram tão maus resultados enfermaram, na generalidade, da falta de conhecimentos técnicos por parte de quem as efectuava; e, assim, desiludidos os ingénuos capitalistas — quasi sempre amadores da

arte, — com os fracos resultados, pois que as películas, muitas vezes, tinham custado mais do que valiam, tornaram-se cada vez mais raras essas tentativas, a que, aliás, já se estava criando uma atmosfera hostil.

Façamos, pois, de conta que tudo isto foi um mau sonho, e tiremos d'ele todas as lições aproveitáveis.

Lembremo-nos, em primeiro lugar, de que não é com um pequeno capital que se podem organizar companhias produtoras de películas, pois que a mais curta scena gasta uma considerável soma.

Qualquer capitalista ou núcleo, que, no entanto, queira meter mãos a tal tarefa, deve ter presente que só uma louga e experimentada prática poderá fornecer técnicos capazes de fazer alguma coisa de útil, e, assim, não podendo contar, exclusivamente, com elementos nacionais, não haveria inconveniente nenhum em contratar encenadores estrangeiros, norte-americanos, por exemplo pois que, além de ser nos Estados Unidos que a cinematografia teve, por assim dizer, o seu início, é também em certas regiões da América do Norte que as condições da luz natural mais se assemelham, de baixo do ponto de vista que nos interessa, com as nossas.

Entre parêntesis, devemos dizer em abono da verdade que já se experimentou a direcção de técnicos estrangeiros, porém, além de serem de nações onde a luz natural difere muito da nossa, eram, na generalidade, pessoas incapazes de trabalhar com escrupulo, por deficiências várias.

Não seria, pois, difícil encontrar os técnicos que nos conviessem, os quais, agindo conjuntamente com operadores com quem estivessem habituados a trabalhar, iniciariam, da melhor forma, a nova era da cinematografia em Portugal, com a realisação de obras que o público recebesse sem aquela "piedade" com que tem acolhido as películas apresentadas até agora.

FRIVOLIDADES O DIA DA PARISIENSE

ANTES de mais nada, o que é uma Parisiense?

É uma estranha criaturinha de carne e osso, cambraias, peles, rendas e sedas, que enche do seu perfume e da sua graça borboleteante as ruas de Paris. Não é condição imprescindível que tivesse nascido nas floridas margens do Sena, entre Suresne e Charenton, basta que a sua graça nativa, aliada á elegância adquirida a tenham naturalizado suficientemente.

A verdadeira Parisiense, a Parisiense-tipo, é de torso delicado, figura esguia, estatura alta, e pe:na fina; cabelos curtos em regra, tapando-lhe as orelhas, maçãs do rosto rosadas, olhos vivos, boca escarlate e nariz arrebitado. Estas características não são todavia, absolutamente indispensáveis, e assim é que também se encontram Parisienses de



tez quasi morena e tipo oriental. A todas se atribue uma idade de 20 a 50 anos, embora haja, no entanto — mas nomeá-las seria beliscar a sua modéstia — as que, sem excessivo dano, já ultrapassaram este limite.

Se Deus fez encantadoras na sua maior parte as mulheres de Paris, foi numa tão previdente quanto generosa intenção. . . Elas podem assim, com relativa segurança, deambular por entre os homens, porque uma tal afluência, no fim de contas, fatiga e desconcerta.

«Deverei eu seguir esta? Seguirei aquela? Elas surgem ao mesmo tempo de tantos lados, que se torna indispensável dominar-nos!» — exclamava algures um marido prudente. E', pois, — não o duvideis — uma salutar abundância de provocantes diabinhos, que nos faz, afinal, guardar decóro e fidelidade.

TEXTO DE TRÉBLA
DESENHOS DE G. PAVIS
TRADUÇÃO LIVRE
DE
MATEUS MORENO



Isto dito, estudemos os usos e costumes deste pequenino animal de luxo, mais familiarmente conhecido pelo nome de *Parigote*.

Como se passa o dia duma Parisiense? (Deveis todos calcular as razões porque tomamos a discreção de nos dete ranie o que ela faz á noite).

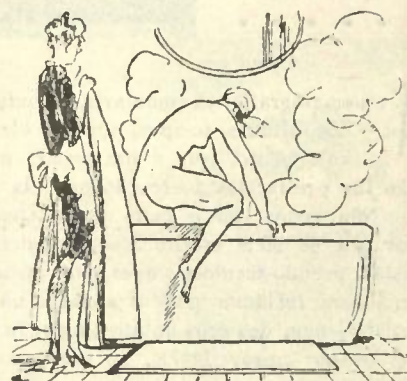
Segundo trabalha ou deixa a seu amo e senhor essa delicada missão, a Parisiense levanta-se entre as 7 e as 11 da manhã.

Não fôra o tempo estrictamente indispensável para a sua «toilette», e ela de bom grado se levantaria muito mais tarde.



O ar fresco da manhã — ditoso ar! — acaricia as faces das pequeninas proletárias. Criadas de fora e «Midinettes» são os primeiros ornamentos do Paris que desperta. Sorhando num repouso que seria mais prolongado depois do «dancing», e deplorando que a fortuna não se tenha ainda anunciado, sob os traços dum garboso rapaz, a moderna Mimi-Ponson caminha para o seu «atelier». (Os prazeres são fugidios, mas consola-te, pequena, porque o trabalho é a liberdade e o teu cérebro hoje está, sem dúvida, menos cheio de cuidados do que o da «grande dama» em que, talvez um dia te tornes também.)

Há para estas transeuntes os chamados «adoradores matinais». Este que a aborda, não se deitou; é elegante, mas um tantito gasto. Será o principe encantado?



— Mademoiselle, um momento!

— Perdão, senhor. Estou com pressa. O patrão espera-me, e era capaz de me atrazar.

— Então, vou esperá-la esta noite, á saída.

— Se quiser. . .

*

Enquanto no grande atelier de costura se lhe confeciona já a «toilette» de noite, uma outra Parisiense, cuja camarista corre as cortinas, apressa-se a sair do leito.

— O banho da «madame» está pronto!

Oh, feliz onda que viste nascer Vénus e cada manhã reencontras, estremecente de volupia, no esmalte das banheiras, tantas e tantas Vénus. ainda! Porque é que o Eterno, em vez.



de um simples barro, não nos transformaria neste elemento, a nós, os homens?

Depois do banho, um momentâneo regresso ao leito, onde o calorsinho que ficara sob os cobertores acaba de secar o gracioso corpo da banhista.

Como se está bem, assim, no fôfo!

— O chocolate de «madame», o correio, os jornais. Quais são as ordens que V. Ex.^a dá para a cosinheira e o «chauffeur»?

Agora é a vez da massagista, que dá á cliente a ilusão da escultura, «á sua maneira». Que artista!

Senhor professor de cultura física, entre; por vosso intermédio a Parisiense manterá sempre a flexibilidade da juventude. Que campião! «Madame la manucure» apresenta-se também; ela não se contenta em aformosear-lhe as mãos, mas sabe ainda ler na sua palma como num livro aberto. E á quiromancia junta a cartomancia. Ei-la:

— Eu vejo um formoso mancebo que vai dar-vos as suas notícias.

Drrring... — o telefone. E' precisamente o sr. Gastão. Como bateu certo! Que pitonisa!

Agora o cabeleireiro. Sr. Figaro é a autêntica gazeta; êle está ao facto de todos os acontecimentos diurnos e nocturnos, e não penteia apenas, informa.

«Toilette» final. Automovel. Volta pelo bosque. «Footing».

Um admirador já! Vamos, o dia começa bem!

— Minha senhora, permitir-me-á V. Ex.^a?

— Obrigado, senhor. Eu vou com pressa, esperam-me em casa para almoçar... «Chauffeur», para casa!

— V. Ex.^a é servida.

E' um cigarro.

Ela masca sómente, com receio de passar por grosseira.

Uma cigarrilha no «boudoir», depois uova «toilette», e parte para a loja de modas.

Novo admirador. E' ainda uma figura distinta.

— Minha senhora, eu seria tão feliz em oferecer-lhe...

— Por quem me toma o senhor?

Faz favor, desampare-me!

«Chauffeur» para casa da costureira...

«Chauffeur» para casa da modista.

Longas paragens.

16 horas—A Parisiense larga a sua «limousine», unicamente para experimentar a pequenina emoção de rolar no «méetro». Sim, é uma fantasia. E depois, esta viagem não é indispensável a toda a verdadeira Parisiense? Ainda bem não entrar no vagão, e já sentir convergindo sôbre si o olhar de todos os homens, é o critério de sedução feminina. De parte, já se vê, as homenagens impudentes, mas sempre lisonjeiras, dos «frôleurs»...

Chegam os desejados instantes do «five ó clock».

Como se passarão? Em visita? Entre a multidão bisbilhoteira de «tearoom», ou na intimidade perturbante do pequenino rez-do-chão misterioso?...



Depende do tempo das circunstancias e de muitas outras coisas ainda.

«Simples parêntese, de passagem: especialmente entrevistado, o detective particular afirma-nos que no país dos Amores é entre as 17 e 19 horas que se torna particularmente escorregadio o caminho da virtude. Lançai-lhe areia, bons cantoneiros!»

Quando o sol dobra o horizonte, a Parisiense, satisfeita da sua vitoriosa graça, regressa a casa, muda de «toilette» e janta, em regra na cidade. Ela adora os grandes restaurantes, onde os atractivos do «menu» impedem os seus mais ciumentos companheiros de se aperceber dos olhos que lhe fazem.

Em seguida, para o teatro, onde o successo do seu corpo semi-nu, faz concorrência ao successo da peça, a menos, todavia, que, um pouco fatigada, ela não prefira, «at home», abandonar-se á tranquila leitura do ultimo romance aparecido.

Termina aqui o dia da Parisiense. Começa a sua noite, corramos as cortinas! Se junto dela se encontra um homem — o que é bastante verosimil — êste não deverá queixar-se nunca das possíveis torturas da véspera ou do dia seguinte; a felicidade que lhe cabe basta para justificar o seu reconhecimento á vida, por mais cheia que esta seja e deveres, de enganos de injustiças e... impostos.

GRAMOFONES, com e sem campanula, e em formato de malinhas, das melhores marcas.

DISCOS, cantados e tocados pelas maiores celebridades mundiaes, operas completas, reportorio sinfonico e de camare, canções fados e danças modernas por Jaz-Band, etc. = OFICINA DE REPARAÇÕES E VENDA DE ACESSORIOS

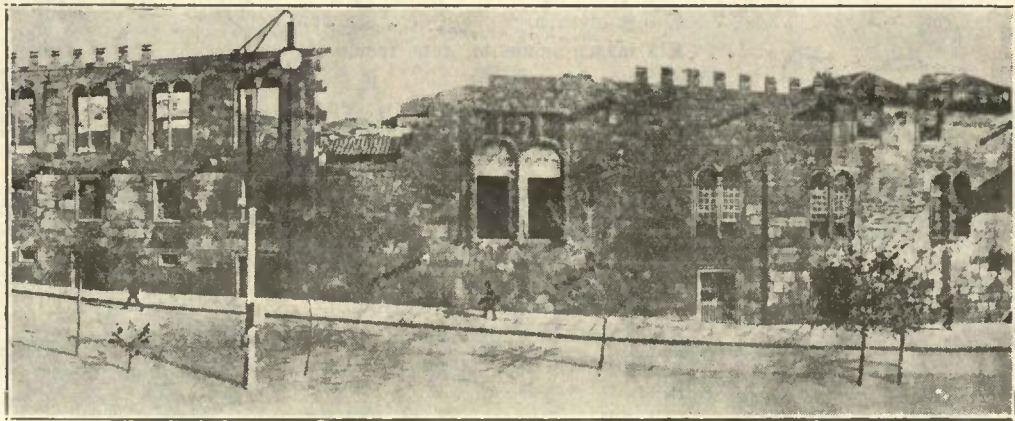
PREÇOS SEMPRE DE COMBATE

CASA GOUVEIA MACHADO

RUA ALVES CORREIA, 152—LISBOA (ANTIGA S. JOSÉ)

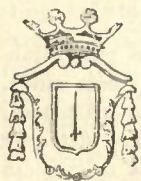
Telefone N. 4306





TRÁZ-OS-MONTES

A "CASA DO ARCO" DE VILA REAL



DURANTE mais de quatro séculos, o solar dos Marqueses de Vila Real, mais conhecido pela "Casa do Arco", que se ergue na antiga rua do Arco, hoje rua Antonio de Azevedo, ostentou a mais elevada grandeza, predominando entre as que mais enriqueceram a nossa aristocracia.

A esta nobilíssima e opulenta casa dos Marqueses e Duques de Vila Real, cujo esplendor atingiu o auge nos meados do século XV, andam ligadas interessantes tradições historicas, de heroismo e bravura.

Nela viveu o primeiro e o mais valente governador que teve Ceuta, D. Pedro de Menezes, 1.º Conde de Vila Real, 2.º Conde de Viana, Almirante de Portugal e um dos capitães mais valorosos do seu tempo.

A origem do actual brazão d'armas de Vila Real, que se compõe de um escudo, tendo a meio uma corôa de louro, com a palavra "Alleo", e ao lado uma espada, — traduzindo ambos glória e valentia, — provêm daquêl factô histórico que immortalizou D. Pedro de Menezes e que a tradição nos transmitiu assim:

"Cuidando El-rei D. João I da defeza e conservação de Ceuta e escusando-se todos os fidalgos da sua época a go-

verná-la, com receio das iras do Imperador dos mouros, D. Pedro de Menezes, que andava a jogar a choca com outros fidalgos da Côrte, revoltando-se contra uma tal attitude, apresentou-se a El-rei com o "alleo", ou pau, com que estava jogando e apontando-lho disse: — "Senhor, com este "alleo" que me vêles na mão, defenderei a praça da mourisma toda".

El rei aceitou o valente oferecimento e em tão boa hora para lá foi D. Pedro de Menezes, que Ceuta se manteve heroicamente defendida durante 22 anos de luctas continuas.

Pois esta tão nobre "Casa do Arco", que tem todo o direito de ser considerada um dos nossos monumentos pátrios, apresenta hoje um aspecto de verdadeiro abandono.

No seu ar melancólico, parece estar-se resentindo, cada vez mais, da má hora em que o seu último donatário, também D. Pedro de Menezes, degenerou e seguiu a voz de Castela, envolvendo-se na conjuração de 1641 contra D. João IV, por cuja tentativa revolucionária veio a ser justificado em 29 de Agosto (?) do dito ano.

MIGUEL MARTINS

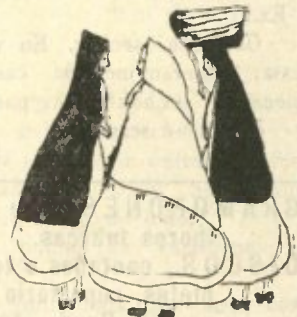
(Fot. do autor)

VIDA LOCAL



Grupo do 7.º ano de letras do liceu de Comilo Castelo Branco, de Vila Real

Da esquerda para a direita, de pé: António Ferreira da Silva, Joaquim Tr. búla, Ascensão Correia, Mírio Cardoso; sentados: Sebastião Grovêa, Viriato Luzilano Ferreira e Manuel Duarte.



No próximo número: A FEIRA DE S.º ANTONIO, por Heitor Mattos, com belas fotografias.

D. DIOGO DE MANCHEGO

"HISTORIA MUY SIMPLES
D'UMA VIDA MUY CURTA"

PRÓLOGO

Tempos medievos que se escondem nas penumbras da memória, em que os corações eram escrímos de pureza; em que os ventos ainda possuíam a castiça viragem, que roçagou as barbas ondeantes de Jesus de Gótilieia. Tempos em que os aços rutilantes quebravam os arnezes e falsavam as côtas; em que a Vida era uma aventura que nascia num ciso e terminava numa lançada berbére; em que nas batallas se gritava: «Por a Fé!» e a vitória dourava os elmos da Luzitania. Tempos em que as Noíades se preguiçavam no rendilhado das ondas; em que as lendas espectraes toucavam de maravilhoso o horizonte dos oceanos; em que as lágrimas dos homens bastavam para as benções dos Deuses.

Como vão longe! Como estão perto!

Que repousem na quietação lumular das gerações passadas. Que os vermes da Maldade respeitem o ciclo da luz em que o espirito humano se costumou a ler as inscrições da sua história. Que vivam pra nós como exemplos do seguir; paradigmas da Redenção; conceitos supremos da Perfeição Magnífica.

— A alma que põe... , acertavam as bruxas, sorrinda da alta da sua experiência enrugada.

Sim, D. Diogo padecia um profunda mal de amor.



FORA D. Diogo de Manchega nomeado Franteira-Már das plainas circundantes á velha Tibuci.

Era o prova da mais alta confiança que pad'a ser conferida a um cavaleira cristã. Escalham se, de preferência, as leões encarnecidas, as que aliassem á valentia comprovado do seu braço, a envelhecida prudência da seu espírito.

Que as langêvos cranistas se lembrassem, D. Diogo de Manchega fãra a primeira excepção a esto regra infalível.

Na Alcáçovo houve um assombra e os linhagens illustres que haviam argamassada o Portugal nascente, chegaram a manifestar um despeito mal cantida. Vinte e cinco anos, uma barbicha rala e dispersa, pergaminhos que mais não iam além da reinada antecedente, e Franteira-Már! Murmuram-se intrigas, farjaram-se calúnias, todos alinentes a explicar tãa insólito acantecimento. Méritas tinha-as, sem dúvida! Atestavam-na as turbantes almurávidas, as torneios de covalaria, as temores da inimiga. No talar dos campos infieis, na recarga das hostes de Mahamet, era seu a mantante que fendia a primeira cabeça, que da Purgatória enviava a primeira alma ensandecida.

O seu carpa, duma juvenildade máscula, aço toledana temperada na calar dos mais violentos refregas, e onje as cicatrizes cantavam epapeias de glória, era a certidãa onde se paderia verificar quanta estorça, quanta energia, quanta san gue, a Terra-Pátria lhe hav'a já consumida. E, sãbre a tacto governativa, a prudência das resoluções. Melhar que ninguém paderia falar a obra nacional, que lhe devia algo bastante.

¿ Mas em idénticas condições, não haveria entre os vas-sallos da manarca, quem, pelos seus serviços, pelas seus cõs, simbolos de uma fé jamais desmentida, merecesse igualmente similhante honraria?

Oh! se havia . . .

Mas oa Rei, Senhor e Pai, cumpria mandor, e a êles, vas-sallos, cumpria obedecer.

Pátria que se concatenava apenas em um feixe de aspi-rações generosas, sem ainda passeur a vínculo estrutural de pava nação, qualquer octo de indisciplina paderio ser fatal oa equilibrio, em que o minúscula país se aguentava na malaba-risma Palitica daquele tempo. ¿ Para que ma-querer e inveja quando o uniãa das boas gentes se tornava mais absoluta e imperiosa? E por isso todas as bocas se calaram, todas os despeitos murmurantes foram recalçados pela abnegação das que bem saíriam e amavam a Portugal Maior.

E quando D. Diogo de Manchega, de abalada para a fran-teira, a fim de acupar a pasta em que fãra prvida, á Cãrte se veiu despedir, faram sãmente risas que em todas as lábios encontrou, palavras de incitamento, carações que se abriam, garçantas que a saudavam. Sá D. Diogo estava triste. Trans-parencia-lhe nas ólhas essa melancalia estranha das que safrém o dãr da apartamento, essa tristeza que quer dizer de espe-rança, essa suavidade pãlida, que lembra a balar das rebanhas na última despedida de um dia que marre. . .

— Uma subida das humares . . . explicavam as físicas.

II

Cinco anos havia que as Cãrtes de Portugal e Castelo, recanhecendo o vantagem de um bom entendimento entre os dois mais importantes estados do Península, assentaram na ideia de uma aliança, que teria coma fundamento e coma base a fusão das duas dinastias reinantes. E foi ossim que a prin-cesa Esmeralda, a mais linda flor das jardins de Espanha, se encominhou para as Terros Lusos, a fim de se matrimanior com a príncipe João, filha de Afansa de Portugal.

Na Alcáçova de Coimbra, onde então se reunia a Cãrte, uma anciedade iaga nasceu, pois sãbre as encantas do prin-cesa afirmavam-se maravilhas de pasmar.

— "Dizem que a branco do seu carpa fez eulauquecer de inveja a mais bela cisne de El-Rei seu Pai.

— "Que um dia, deixando-se ela adarmecer nas jardins da palácio, as abelhas vieram sugar as seus labios, julgando que fassem a gineceu de uma rosa. . .

— "Que das suas lágrimas, choradas em uma noite de trovoadã, alguém fizero um rasãria maravilhaso, que scintilava na cola da Virgem, Mãe de Jesus. . .

— "Que as seus dentes fazem lembrar as fiadas de péra-las, que o Califa de Granada um dia pagou pela resgate de sua filha Fátima, aprisionada na região da Albacete, quando com-batã entre as guerreiras da sua fé. . .

— "Que da seu hãlita se exala a perfume enebriante de rosas sãcas, fanadas pela sãpra quente da Deserto. . ."

E D. Diogo de Manchega, ouvindo a cantar dessas fama-sas lendas, na infantil devaneia das seus vinte anos, dizia de si para si:

— Coma hade ser linda o Esmeralda de Castela! . . .

E pensava que se deveria parecer com uma imagem que a perseguia em alucinadas visões, carpa esculpida na vapara-sidade auma névao aurareal, e cujas curvas tinham a eritmica beleza das seãras que andeiam e das águas que balaiçam.

— Oh! se ela fãsse a realização aesse ideal!

E a sua alma já acariciava esperanças, delineava fanta-sias, na fervente barbulhar da imaginaçãa.

III

A aparição de Esmeralda na Cãrte Portuguêso faí um psma.

O Príncipe João ficou deslumbrada. E as duras barões, eriçados de pêlas, espadaúdas, insensibilidades graníticas em que o sentimento fãra substituído pela máscula reforçada das batalhas, entrealharam-se, perplexas.

— "Estrela caída! Virgem errante! Tentação da Demõ-nio!?" — Eram as interrayativos em que todas as cons-ciências se engalfavam.

Peronte essa voluptuosidade peregrina, tado a corpo, em

frémitas, perdida de desejos, ficava tremante, — canavia! sacudido pela rabanada da Nordeste. Até a própria castidade das manges, conseguida à custa de muitas martificações a cilicias, já vagamente cheirando a uns prenúncios de santidade, se perturbava e incendia.

Os seus cabelos, um célebre travadar da praveça, cavaleira andante em perseguição da aventura, as cantou.

— "Na câr indefinível da penugem das bambinas...".

— "Na câr da Sal que atravessasse as asas iriadas de um insecto...".

— "Eles são da câr das vestimentas da plátano, na temporada autonal...".

— "Da câr das messes amadurecidas, na pina da estia...".

Sim, ela era bem a visão que perseguia D. Dioga.

Era ainda mais bela, mais ideal, mais divina!

Afagava a urze sêca da mantanha, e a urze reverdecia!

Beijava as feridas da Nazarena Chagada, e a Nazarena sarria, agradecida!

De paixão, já D. Dioga nem falava nem ria. Consumia-se-lhe, a alma na adoração muda, incansável, dêsse astra de amar, que fulgia, queimando. Ela, a Princesa Magnífica, Espasa da seu Senhor e quási Rei, idealidade suprema, cuja passe só se podia entrever nos limites da sanha! E êle, pobre de si, apenas um senhor de Manchega, figura apagada de um munda de cartezões, tenda sâmente coma riqueza e glória a sua espada tão querida

Em dilema terrível se debatia a pureza da sua consciência de cavaleira. Rainha e amante? Oh! nunca! . . . Rauba-la e fugir? Dupla traição seria essa, privanda a Patria da esforça da seu braço; de carinhas a caração da seu Príncipe. A Fé que um dia jurára, nas granitas frígidas da Catedral de Vizeu, quando fâra armada cavaleira, jamais seria falseada.

Mas que fazer? Consagrar-se a Deus nas claustros escuras de um convento? Renunciar á Vida, á Luz, á Espada!? E a cabeça leania de D. Dioga, pensando ista, desanimada, pendia sâbre a peita.

Morrer? Sim, talvez. Mas morrer caberto de glória, seu corpa esburacada de lançadas, de dares, de sofrimentas, num halacausta suprema de amar!

E D. Dioga partiu para a guerra.

IV

A' guerra se fai a senhor de Manchega, cam a fim de bem morrer.

Da forja mais afamada das Gâlias, viera-lhe uma espada, em cuja açã mandára gravar esta singular divisa.

"Ferida de amar, dou perdã a quem de marte me ferir".

Já a divisa da cavaleira carria de bôca em bôca, causando, coma nã podia deixar de ser, a mais estranha impressã; mas coma muitas vezes, juramentas se fazem que se nã cumprem (já em aquele tempo issa acantecia. . .), um canlúia lago se formou, afim de ver se, efectivamente, D. Dioga desejará Bem morrer.

Se desejava! . . . Inda as trambetas nã haviam dada o sinal de carga, e já êle corria á desfilada, sósinha, intrépida, ao enontra das inimigas! Furacão exterminador, êle passova rugindal As névas brancas da mairama lago a cercavam, mas um ciclo de marte se abria em seu redór! E quanda chegavam os seus companheiras de armas, já meia batalha, êle, sá par si, havia decidida.

Uma vez, porque D. Dioga em uma sortida que fizera tivesse incendiada toda a arraial musulmana, a Príncipe perguntou-lhe:

— D. Dioga, par teus feitas de glória, que prêmio desejas ter?

— Senhor, sômente a marte... .

¿ Quem a primelra a subir as escadeiras da assalta, a atravessar as águas ladasas da carvaca, sab a virotar das inimigas? O primeira na ataque e a última na retirada, sempre de vizeira ergulda?

Êle D. Dioga.

Mas a marte nã a queria!

Maço de tanta virtude, para que o havia de levar!?

Todas aconselhavam D. Dioga a que esparecesse a mal que a consumia. Nã existia daença que remédio nã tivesse. Indicasse-se-lhes a causa de tãa custosa penar e talvez as bans officas da amisade lhe conseguissem abrandar essa má-gua que cavava tãa funda.

A estas palavras de confôrta, amargamente sarria a senhor de Manchega, respandendo sempre:

— "Nã vos cancelis; a Esperança já em mim se fincu. . ."

Então se resalveu mandar dizer á Cârtê a pena de D. Dioga. Laga a Rei deu ardem para que fosse descoberta a rãsto que havia enfeitçada a alma da cavaleira, pois êle seria digno

da nabreza de qualquer estirpe. Todas as damas foram interrogadas, e todas á uma declararam que "jamais haviam visto a câr das alhas de D. Dioga".

Mas, pela velha ditada de que "se eu nã sou, par mim algum será", uma intriga careçou a ferverilhar em valta do nome da Princesa. E espíritas malignos lago trataram de relacianar a penar do cavaleira cam uma palidez que alastrava nas lábias rubros de Esmeralda.

Linguas de bruxas, as linguas da pava... .

E explicada agora está a razão par que a senhor de Manchega fâra prvida no lugar de Franteira-Mâr, no langinqua Tibuci, contra a regra das tempos das cavalarias.

V

Sâbre as águas plangentes da Teja, miranda-se na espêlha da corrente, apendrava-se a velha Tibuci "palmeira afagada pela alhar de Mahamet", "beija da Terra nas luzes do Céu", coma lhe chamavam as paetas árabes, quanda da alta das suas muralhas entreviam a amplidã da Infinita, em feérica rutilância de estrelas e de sóis, ou quanda dâminavam a Terra circunjacente, apatêse suprema da Natureza triunfante, da Natureza farte, da Natureza selvagem!

Mas para D. Dioga, que valia essa maravilha abra de Deus!?

Os seus olhos nã podiam ver; a sua alma nã podia sentir! . . .

¿ Que importava a riqueza espantosa dêsse chã uberrima, rias singranda vales, florestas desafianda a luz, alra a cintilar nos areais, se nã passua a sua Esmeralda?!

Que impartava a Munda, a Terra, a Vida, se o seu coraçã tinha a câr da naite, a câr da trêva, a câr da marte? Se lhe vinha aos lábias sômente a trava da amargura, quanda havia sanhada cam os beijos dela! Se as seus risas se transformavam em lágrimas, lágrimas de dar, lágrimas de mal! . . .

Para D. Dioga apenas existia uma religiã, um divindade, uma mulher: Esmeralda! E na ascensãa cantinua dêsse-culto, êle tuda esquecia: — Rei, Deus e Patria.

Para que saber das Deuses, se êles lhe negavam a carpa da Princesa?

Para que amar o Rei, — essa figura sinistra do seu penar? Cinca anos de tortura intensa haviam feito de si um outra D. Dioga, diferente daquele cavaleiro, que um dia partira para a guerra afim de bem morrer. Nã era já a alma virtuosa de Galaaz, hinária de Fé, hinária de Glârial O Demânia lha havia tamada, e agora transbordada dâr e fel. Vivia na antítese de sentimentos persursãra da demencia.

Charava e amaldiçoava.

Despejava um saquitel de aira nas mãos de um pedinte, au batia-lhe cam um bardão até aganizar.

Entretinha-se na langa fitar de uma estrela que tremeluzia au cavalgava furiosamente através das matagais, cartaçanda árvares em vez de veadas, ramarias em lugar de labas.

— "Triste saírer a de D. Dioga!" — comentavam, entre si, os seus companheiras-de armas.

Mas um dia chegou ao castelo um pergaminha riol, em que se ardenava "ás gentes da Reina que se vestissem de dá par o espaça de um ana, e que em cada igreja fassem rezadas vinte missas par alma da Princesa Esmeralda, marta na graça de Deus".

Pòvida e muda ficou a cavaleira. Nem uma lágrima. Nem





VIDA DESPORTIVA

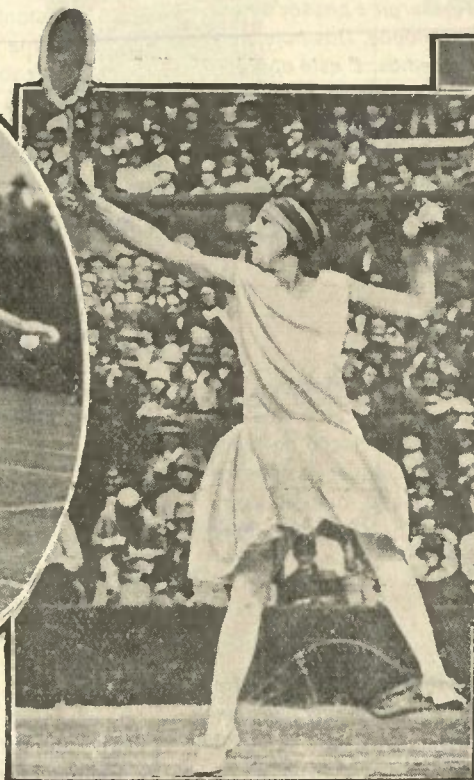


TREZ ESTRELAS MUNDIAIS DO "TENIS"



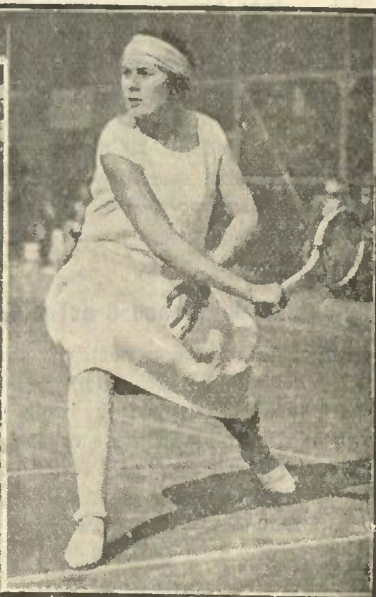
MISS ELEN WILLS

A bellissima "star" norte-americana, rival de Susana Lenglen



SUSANA LENGLEN

A formidável tenista francesa, actual detentora da victoria, em todos os campeonatos mundiais.



LILI ALVAREZ

A joven raquete espanhola, que acaba de ser incorporada no grupa das "stars" universais do jogo.

um saluço. Sómente a barba tremeu um pouco, e na commissura dos lábios um rictus de imensa dôr se vinculou como um gilvaz. Mas foi só um momento, pois immediatamente êsse rasto de expressão tão viva ficou idiôta, parvo, sem alma. Dos seus olhos fugiu a luz, e então ouviu-se-lhe um gargalhar, um rir de coração que não mais pode soluçar.

Era um gargalhar de doido!

VI

Era de loucura mansa, o senhor de Manchego. Não era de fúrias, nem de assomos. Camia dócilmente, obedecia a que lhe mandavam, sempre com o ar abstracto das crianças ingénuas, que não fazem diabruras nem maldades.

Só tinha um deseja: passear, vaguear pelas florestas, em companhia das suas matilhas, que lhe guiavam os passos, coma se êle fosse céguinho. Adorava as crianças e os pássaros, aos quais lançava punhados de trigo, e que a seguiam em longa romagem de adoração. As mulheres do burgo chamavam-lhe o *Senhor Tanto*. Mas porque uma vez dêra fala a um menino, mudo de nascença, e só com o afago das suas caricias, elas ficaram lhe chamando o *Senhor Santo*. E quando êle passava, era de joelhos que o saudavam, que lhe pediam a esmola dos seus milagres e das suas virtudes:

— "*Senhor Santo! Senhor Santo!*" ... A maleita estorcega o meu menino! O rio levou a minha colheita! Os lobos mataram o meu rebanho! ..

E êle, inconsciente, alheio, a todos sarria, a todas preguntava se "tinham visto a Princesa". E seguia sempre, acolitado pela criança, pelos cães, pelas aves, novo Cristo em peregrinação da paz, em peregrinação do Amor...

Uma tarde, porém, quando atravessava a floresta, quiz colher uma rosa silvestre, que se embarrava pela tronco de um carvalho, mais que secular.

Já a estava quasi cortanda, quando lhe pareceu ouvir:

— "Não me faças mal, o'ha que eu sou a Princesa..."

D. Diogo ficou como que estupefacto. Aquela voz, aquela música .

— Não te lembras já, talvez, da côr do meu sorriso... tornou a voz. Repara nas folhas da rosa: são os lábios da Esmeralda!

— Sim, as lábias de Esmeralda eram vermelhos... — respondeu D. Diogo, na vago da sua alucinação.

— O meu perfume era a hálito dela... Porque me não beijas? Porque não vens comigo? Eu venho buscar-te. Vive-se lá tão bem! — Anjas, flôres, tão lindos sonhos!... Para ser feliz, sô me falta o teu amor... Vem ..

— Esmeralda! ..

— Vem...

*

...E fai.

*

Anoiteceu.

Os cães uivavam soluços.

Os rouxinóis eglogavam lamentos.

E as ramarias do velho carvalho em dô, em luto, em pena, balxaram devagarinho a sua mortalha de verdura, sôbre o corpo que fôra de D. Diogo de Manchego.

EMILIO SALGUEIRO



NOTAS DE SCIENCIA

APARECER é um sinal de vida. Ressurgir é passar do estado de vida latente ao de actividade. Nós hoje, portanto, não ressurgimos, aparecemos. E este aparecimento não tem outro fim senão o de desenrolar perante os leitores da "Alma Nova", em paragrafos despreziosas e breves, a pelucula infinda de singelas curiosidades scientificas.

À possibilidade do desenvolvimento do que temos em Portugal e nos seus domínios ultramarinos, dedicaremos, sempre que a oportunidade se nos ofereça, a nossa melhor atenção e as primeiras linhas destas notas.

A questão do tabaco e as colonias.

A questão do tabaco está no ordem do dia. Temo-lo, em abundancia em Angola e Moçambique. Não poderia, no futuro legislação, proibir-se o importação do fôlho, para fôtrico, que não fôsse originário de qualquer das nossas provincias ultramarinas? Verderia o Estado alguma coisa com tão justo protecção? Aí fico a pergunta. Não nos cumpre discutir os "prós" e os "contros" do idéo.

O problema da habitação.

A edificação dumo caso torno-se, presentemente, se não impossível, pelo menos difficil para o maiorio dos pessoas. E é tão importante esse problema, que, em todos os países, se tem procurado soluçono lo.

No ano passado, Mr. Morcou, notrio em Versailhes, apresentou o seu plano de cosas de madeiro ormada, de que o conhecido revista "Je suis tout", de setembro, fez enorme propogondo. Em Franco, chegaram o constituir-se alguns cosas — 4 divisões por mil e quinhentos francos — e parece que o seu inventor tem introduzido melhoramentos no suo construção. Estas edificações, perfeitamente desmontaveis, tinhom o particularidade de nelos não entrar ferrogem alguma, excetuando o dos vorões, que se empregom tambem nos de cimento armado.

Mas, nos arredores de Berlim, ocabam agora de construir-se casos economicas, segundo um novo sistema. As paredes são de cimento, em gronces blocos, que se moldom no proprio lugar do construção. As portas e janelos, sempre prontos, são encaixadas durante esto modelação. A habitocção para uma pequeno familio pode estar pronta em dois ou tres dias.

Aplicação do hidrogénio atómico na soldagem.

UM dos motivos porque o soldagem de certos metois se torno difficil e, em alguns cosas, impossível, é o da imperfeita decopação do sitio o soldar.

Ora, tanto o oxigeno do or, como o humidade têm sobre os metois o propriedade de os oxidor. Nesta ordem de idéos, Mr. Longmuir já em tempos tinho conse-tuido um soldador autogenico; mas um novo processo apareceu, ha pouco, devido a outro sabio francês: Mr. Alexander foz incidir sobre o objecto a soldar: um jacto de hidrogenio e, na seio deste, foz saltor um arco voltaico cujo cótodo é o objecto o soldar. Desto

fôrmo, c hidrogenio ferve o umo alto temoeroturo, em contacto com o or, ficando o metal o soldor no meio de uma mosso redutoro constante de hidrogenio atómico e, por consequente, completamente decopodo.

O emprego do hidrogenio atamico, foi por muito tempo desconhecido e o suo aplicacção para o decopação ofigura-se mois vantojoso do que o do soldagem autogenico e o de todos os outros processos aplicodos anteriormente.

A maior estação radio-telefonica do mundo.

A estação radio-telefonica de Rugby estoró dentro em breve opto o transmitir concertos rodia-telefonicos de Inglaterra para o Americo. Ficará sendo esta o estação mois potente do mundo.

Observatorio de Greenwich.

A 23 do corrente, foz 251 anos que foi collocado o primeira pedro no edificio em que funcionó o Observatorio Real de Greenwich, em Flomstead Hill (Inglaterra). Passou, entre nós, despercebido, no ano ultimo, o comemoracção do 250. aniversario deste notabilissimo estabelecimento, que ás sciencias astronomicas e, em particular á navegacção, tão relevantes serviços tem prestado.

O Congresso Eucarístico de Chicago.

ESTE importante congresso, cujo final, verdadeiramente apoteotico, se acaba de realizar, constituiu a mais retumbante afirmacção do sentimento católico universal até hoje conseguida.

Havia quatro anos, informa "Les Annales", que Chicago se preparava para este Congresso, cuja duracção não devia de exceder quatro dias.

Daqui se vê, diz, a importancia extraordinária que se ligava a semelhante manifestacção de fé.

E de facto, nunca uma cerimonia religiosa se revestiu de tamanha grandeza. Quinze cardiais, quinhentos arcebispos e bispos, e três mil padres nela tomaram parte.

Os principes da Igreja foram magnificamente recebidos pelas autoridades americanas, que puzeram á sua disposicção um comboio especial, tendo o presidente Coolidge apresentado as suas boas-vindas aos cardiais por intermédio do seu Ministro do Trabalho.

Do que foram as missas pontificias resadas ao ar livre no vasto campo dos Soldados, é difficil fazer-se uma ideia sequer aproximada. Coros prodigiosos de milhares de vozes se elevaram em hossanas: um de 15 mil mulheres; outro de 30 mil colegiais e um terceiro de 60 mil crianças.

Duzentas mil mulheres assistiram á missa rezada pelo arcebispo Palica di Filipi, vice-regente de Roma, e, no "Stadium", o cardinal Charost prégou perante uma multidão de cem mil pessoas. Microfones e ampliadores permitiram, á enorme assembleia não perder uma palavra da sua oracção.

Uma pequena nota de "Les Annales", para mostrar a ordem perfeita da organisação deste congresso: é a de que tinha sido preparado local para o estacionamento de oitenta mil automóveis.

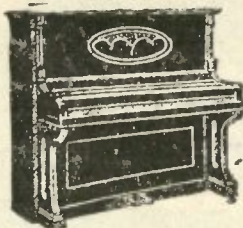
**LIVRARIA
SÁ DA COSTA**
LARGO DO POÇO NOVO, 12
LISBOA

DEPOSITARIA DOS LIVROS:

SANGUE D'ÉPOPEIA -- A Artilharia Portuguesa na Flandres, por Matheus Moreno, 1.º vol. de Artilharia, 1.º vol. 1.º edição	4\$00
NA GUERRA E NA PAZ -- SINFONIA MACABRA, d., (3 ed.)	2\$00
MINHA PÁTRIA -- Poema em 3 livros e 3 jornadas, id. id., 2.ª edição broch., 3\$00, cada livro	1\$00
CANTIGAS 2.ª edição, por Rebelo de Bettencourt, com prefácio de Luiz Chaves, 1.º vol. broch.	2\$50
OS DE ANACREONTE -- por Luís Calado Nunes	2\$50
CAMPANHAS CAMILIANAS -- por Oldemiro César e Cruz Magalhães, 1.º vol. broch. com il. de Rafael Bordalo	5\$00
«ALMANOVA» vol. 1, 11 e 111 da 3.ª série, cada, enc. 2\$500 br. ch.	1\$500
O INVERSÍMIL -- Conferência Proibida, original do insigne escritor e moralista Lora Pechincha de Nadavale	2\$00
A EDUCAÇÃO MORAL Pelos exercícios de redacção, (com a metodologia deste ensino), por João Guerreiro Murta, prof. electivo dos liceus, recomendado pelo D. do Governo	4\$00
DA VERDADE, por João José Gomes	2\$50
ÇA DE QUEIROZ -- «Revelado por uma illustre senhora de sua família» D. C. d'Épa de Melo	2\$50
CONDIÇÕES PARA CRIANÇAS, por D. Branco Lopes Martins, com ilustrações de Roberto Nobre Ed. Muranus - (Porto)	8\$00
A ENTREVISTA por Cruz Magalhães, 1.º op. 11s.	1\$00

CASA GOUVEIA MACHADO

Rua Alves Correia, 152
(Antiga Rua de S. José) Lisboa
TELEFONE N. 4306



Pianos, Instrumentos, para banda, orquestra e tuna etc. **Oficina de pianos,** para pequenos e grandes reparações e afinações.

“ALMA NOVA”

LEITURA AMENA
E INSTRUCTIVA

1 E 15 DE CADA MÊS

ASSIGNATURAS

CONTINENTE E ILHAS:

TRIMESTRE 8\$50

SEMESTRE 16\$00

ANO 30\$00

COLONIAS PORTUGUESAS:

SEMESTRE 22\$00

ANO 40\$00

ESTRANGEIRO:

SEMESTRE 30\$00

ANO 50\$00

(PAGAMENTO ADEANTADO)

NUMERO AVULSO 1\$50

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS

263-R. DA ESCOLA POLITECNICA-267
LISBOA

ARTIGOS DE PINTURA
E ARTE APLICADA

TINTAS PARA AGUARELA E OLEO
DA ACREDITADA MARCA (LEFRANC)

PAPELARIA

EMILIO BRAGA, L.^{DA}

ARTIGOS DE PAPELARIA, TIPOGRAFIA E ENCADERNAÇÕES

OBJECTOS PROPRIOS
PARA BRINDES, ETC.

59, RUA NOVA DO ALMADA, 61

LISBOA

TELEFONE 3584 C.

SÃO EXPEDIDOS PARA A PROVÍNCIA COM TODA A PRONTIDÃO

Quinarrhenina

dá força e apetite



ROYAL-PHOTO

ATELIER DE ARTE

PHOTOGRAFICA

SANTOS & RAPOZO, L.^{DA}

RUA DO CARMO, 55, 1.º (AO CHIADO)

LISBOA

MIGUEL MONTEIRO

(TRÁS-OS-MONTES) VILA REAL

RUA TRINTA E UM DE JANSIRO, 43

000

Correspondente das melhores fabricas estrangeiras de fototipias artisticas, tais como bibetes postais com vistas, albums, panoramas de todos os formatos, estampas de qualquer espécie, etc. Editor dos postais de Vila Real, reproduzindo os seus motivos históricos, as suas Avenidas, Fontes, Palácios e Castelos. A mais completa coleção até hoje editada.

Encarrega-se de edições de vistas para qualquer terra do país, a preços vantajosos, executando também as respectivas fotografias para esse fim, com completos conhecimentos da arte.

PEDIR ORÇAMENTOS

“A ESTREMADURENSE”

EMPRESA INDUSTRIAL E COMERCIAL, L.^{DA}

COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES

CONTA PROPRIA

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

Armazens de mercearias e bacalhau por atacado e a retalho

Fornecedores do exercito de terra e mar e dos navios mercantes nacionais e estrangeiros

ESCRITORIO - R. DOS BACALHOEIROS, 166, 168 — TELEFONE 2358 C.

ARMAZENS - T. DO ALMADA, 20 - R. DA PADARIA, 20

LISBOA

MISTERIOS DO SILENCIO

VERDADES LUMINOSAS

«O eterno fim do universo é a evolução do Espirito. A materia não se cria nem se destroe, transforma-se. O espirito, unindo-se á materia, em contacto com o fluido vital, produz a vida».

O HOMEM É OU NÃO DESCENDENTE DO MACACO?

Cada livro de 220 paginas, 3\$00

GUIA FORENSE

Muito util aos Senhores Doutores, Escrivães e Magistrados e a todos os que seguem o fóro

CADA 4\$00

PEDIDOS A ESTA REDACÇÃO

PREFIRAM AS TINTAS **INDIANA**
RIVALISAM COM AS ESTRANGEIRAS

AS COLAS E LACRES «ALEXANDER»

:: :: SÃO OS MELHORES :: ::

TINTAS PARA COPIOGRAFOS E MARCAR
ROUPA EM TODAS AS CORES

MENDES PEREIRA & F.^o, L.^{da}

CAMPO GRANDE, 243-TELEF. CAMPO GRANDE 1

:: LISBOA ::

Quereis os VOSSOS RELOGIOS BEM REGULADOS?

Quereis um BOM RELOGIO DE SALA OU DE ALGIBEIRA, ou um BOM DESPERTADOR POR POUCO DINHEIRO?

Visitae a

RELOJOARIA E FOTOGRAFIA

DE

ANTONIO SIMÕES DE CARVALHO

Na RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

ou no Feiro em SANTA COMBA DÃO

CONCERTOS, COMPRAS E VENDAS

ADMITEM-SE APRENDIZES



RELOJOARIA ALIANÇA

DE

A. SANTOS

55, RUA 4 DE INFANTARIA, 55

Compra e vende objectos de ouro, prata, relógios, gramofones, discos, etc.

Concertos garantidos em relógios, ouro, prata, caixas com musica e gramofones

Recebe ENCOMENDAS para a PROVÍNCIA QUE SÃO EXPEDIDAS COM TODA A PRONTIDÃO

Estas encomendas devem vir registadas

MOSAICOS GOARMON & C.^a

A MAIOR FABRICA DO PAÍS

Escritorio: T. do Corpo Santo, 17, 19 e 21—R. do Corpo Santo, 32

LISBOA

A maior produção de Portugal

Os de melhor fabrico

Resistentes

Duraveis

Impermeaveis

As maiores vantagens

Artigos de cimento armado

Artigos sanitarios

Pintura artistica em azulejos: Santos, paisagens, fotografias, etc.

AZULEJOS

CIMENTOS

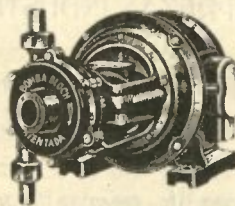
OUTROS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

TELEFONE CENTRAL 1244

FOTOGRAVURA
NACIONAL L.^{da}



Rua da Rosa, 273.
LISBOA
TEL-NORTE-3538



BOMBA-BLOCH

PARA ELEVAÇÃO
de agua, vinhos, azeites,
acidos, etc. etc.

A unica que não precisa lubrificação

Toda em bronze forçoso

VENDA: Nas casas de electricidade e maquinaria do Paiz

INFORMAÇÕES: MARIO PALAU ROURA

Rua Rodrigo da Fonseca, 45

Telefone N. 1224—LISBOA